

ANÁLISE COMPARATIVA DOS PADRÕES DE LESÃO POR ESPOROTRICOSE EM FELINOS E CANINOS

**ANA CAROLINA DE ASSIS SCARIOT¹; STEFANIE BRESSAN WALLER²; LUIZA
DA GAMA OSÓRIO³; ANTÔNIO GONÇALVES JUNIOR⁴; RENATA OSÓRIO DE
FARIA⁵; ANGELITA DOS REIS GOMES⁶**

¹*Universidade Federal de Pelotas - carolinascariot@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - waller.stefanie@yahoo.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas - luizaosorio@yahoo.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - antonio_3@icloud.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas - renataosoriovet@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas - angelitagomes@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é a mais frequente das micoses profundas na América Latina (CONTI-DÍAZ, 1989) e é considerada endêmica em algumas regiões do Brasil, como no sudeste e sul do país (MONTENEGRO et al., 2014). Essa infecção é causada por fungos do complexo *Sporothrix*, que compreende mais de seis espécies (ANTUNES et al., 2009; VÁSQUEZ-DEL-MERCADO; ARENAS; PADILLA-DESGARENES, 2012). Já foram descritos casos de esporotricose em humanos (SCHUBACH; MENEZES; WANKE, 2012; TÉLLEZ, 2014) e em outras espécies animais como gatos, cães, ratos, equinos, bovinos, hamsters, e aves domésticas. Dentre essas, ocorre com maior frequência em gatos (GINN; MANSELL; RAKICH, 2007).

A doença pode ser adquirida através da inoculação traumática de vegetais ou matérias orgânicas contaminadas (LARSSON et al., 1989). Porém, são cada vez mais frequentes os relatos de transmissão zoonótica dessa micose, que ocorre por arranhadura de gatos ou através de contaminação de solução de continuidade cutânea pré-existente (SCHUBACH; MENEZES; WANKE, 2012).

Devido a similaridade das lesões clínicas da esporotricose com outras patologias, ela pode ser confundida com outras enfermidades, como a criptococose, a leishmaniose cutânea e o carcinoma de células escamosas (MADRID et al., 2007; SCHUBACH; MENEZES; WANKE, 2012). Por isso, faz-se necessário um maior conhecimento das características e diferenças das lesões clínicas dessa doença em cães e gatos, para facilitar a confirmação diagnóstica, que deve ser realizada através do isolamento do fungo em meio de cultura (SCHUBACH; SCHUBACH, 2000). Este estudo tem como objetivo comparar os padrões de lesões causados pela esporotricose em cães e gatos, de amostras processadas pelo Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária (MicVet) da Universidade Federal de Pelotas, no período de 2006 a 2016.

2. METODOLOGIA

Foi realizado estudo retrospectivo, através da análise de dados das fichas clínicas de cães e gatos com casos confirmados de esporotricose, a partir de laudos micológicos emitidos pelo Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária (MicVet) da Universidade Federal de Pelotas, durante o período compreendido entre os anos de 2006 e 2016.

Foram categorizadas e analisadas somente fichas clínicas que apresentavam a variável “espécie”, selecionando felinos e caninos, e também a variável “localização das lesões”, divididas entre localizada e disseminada. Além

disso, também foram estudadas as variáveis sexo (macho e fêmea), idade (sendo considerados jovens até 3 anos, adultos de 3 a 8 anos e idosos acima de 8 anos) e raça (dividida entre animais com raça definida e sem raça definida).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de 2006 a 2016, foram emitidos 223 laudos de esporotricose pelo MicVet-UFPel, dos quais 178 (80%) eram felinos e 45 (20%) eram caninos. Em relação ao padrão das lesões (Tabela 1), do total de felinos analisados, 96 (54%) apresentaram lesões disseminadas e 82 (46%) localizadas, isso pode ser explicado, pois as lesões de esporotricose são mais comuns na cabeça, na cauda e nos membros posteriores (SCHUBACH; MENEZES; WANKE, 2012), por serem os locais mais afetados durante as brigas (ROSSER; DUNSTAN, 2006). Porém, as lesões de esporotricose em felinos apresentam grande quantidade de estruturas fúngica (LACAZ; PORTO; MARTINS, 1991), que associadas com o hábito de lambedura que essa espécie possui, pode facilitar a disseminação do fungo pelo corpo do animal (CRUZ, 2010).

Quanto ao padrão das lesões em cães (Tabela 1), 31 (69%) apresentaram lesões localizadas e 14 (31%) lesões disseminadas. Supõem-se que essa diferença se deve pelas lesões em caninos apresentarem poucas estruturas fúngicas (SCHUBACH et al., 2006). Além disso, é descrita a prevalência de lesões na região do focinho, provavelmente pelo hábito dos caninos se aproximarem de felinos portadores e/ou doentes através do farejamento e também por ser uma das principais áreas afetadas pela arranhadura em brigas (MADRID et al., 2007).

Tabela 1 - Padrões de lesões causadas por esporotricose em amostras de cães e gatos, analisadas pelo MicVet-UFPel, no período de 2006 a 2016.

Felinos n: 178		Caninos n: 45		
Padrão de lesão	n	(%)	n	(%)
Localizada	82	46	31	69
Disseminada	96	54	14	31

Em relação ao sexo dos animais (Tabela 2), dos felinos estudados, 132 (74%) eram machos, 44 (25%) fêmeas e 2 (1%) não foram informados. É descrita na literatura uma ocorrência de esporotricose maior em gatos machos não castrados que possuem acesso à rua, o que resulta em maior envolvimento em brigas por fêmeas e território (ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013). Dos 45 cães estudados, 21 (47%) eram machos, 23 (51%) eram fêmeas e 1 (2%) não foi informado. Não é descrita na literatura uma relação entre o sexo dos cães e a ocorrência da esporotricose, sendo o contato com gatos portadores e/ou doentes, o principal fator de risco para a transmissão (ROSSER; DUNSTAN, 2006).

Quanto à idade dos animais analisados, do total de felinos, 78 (44%) eram jovens (até 3 anos), 64 (36%) eram adultos (3 a 8 anos), 10 (6%) eram idosos (mais de 8 anos) e 26 (14%) não foram informados. Dos cães, 16 (36%) eram jovens, 17 (38%) eram adultos, 6 (13%) eram idosos e 6 (13%) não foram informados. A média de idade encontrada nos felinos foi de 2,5 anos, estando próxima dos resultados encontrados em estudos anteriores, os quais demonstram

que felinos em idade reprodutiva são os mais frequentemente afetados pela doença (LARSSON et al., 1989; GOMES; MEIRELES, 2014).

No aspecto das raças dos animais, entre os felinos, 14 (8%) apresentavam raça definida, 155 (87%) não apresentavam raça definida e 9 (5%) não foram informados. Quanto aos cães 25 (55%) possuíam raça definida, 16 (36%) eram sem raça definida e 4 (9%) não foram informados. Esse resultado se deve, provavelmente, à frequência de atendimentos em animais que não possuem raça definida, e não uma predisposição real desses animais à esporotricose.

Tabela 2 - Sexo, idade e raça dos animais diagnosticados com esporotricose pelo MicVet-UFPel no período de 2006 a 2016.

Sexo	Felinos <i>n: 178</i>		Caninos <i>n:45</i>	
	n	%	n	%
Machos	132	74	21	47
Fêmeas	44	25	23	51
Não informado	2	1	1	2
Idade				
Jovens	78	44	16	36
Adultos	64	36	17	38
Idosos	10	6	6	13
Não informado	26	14	6	13
Raça				
Raça Definida	14	8	25	55
Sem raça definida	155	87	16	36
Não informado	8	5	4	9

4. CONCLUSÕES

Com isso, conclui-se que os padrões de lesão causados pela esporotricose se apresentam de maneira diferente em cães e gatos. Pois, em gatos as lesões podem estar, com frequência, disseminadas pelo corpo do animal, enquanto, em cães esse padrão é incomum, apresentando, em sua maioria, lesões localizadas. Além disso, há uma tendência da esporotricose afetar gatos machos e em idade reprodutiva, entretanto, essa relação não foi encontrada nos cães estudados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES T. A.; MEINERZ, A. R. M.; MARTINS, A. A.; MADRID, I. M.; NOBRE M.O. Esporotricose, In: Meireles M.C.A. & Nascente P.S. (Orgs), **Micologia Veterinária**. Ed. Universitária UFPel, Pelotas. p.109-121. 2009.

CONTI-DÍAZ, I.A. Epidemiology of sporotrichosis in Latin America. **Mycopathologia**. v. 108 n. (2) p. 113-6. 1989.

CRUZ, L. C. H. **Micologia Veterinária**. Revinter, Rio de Janeiro. 2010. 2v.

GINN, P. E.; MANSELL, J. E. K. L.; RAKICH, P. M. Sporotrichosis, In: JUBB, K. V. F.; KENNEDY, P. C.; PALMER, N. (Eds), **Pathology of Domestic Animals**, Philadelphia: Elsevier, Vol.1, 5^a Ed., p.703-704, 2007.

GOMES, A. R.; MEIRELES, M. C. A. **Micoses e miotoxicoses em cães e gatos no sul do Brasil**. Novas Edições Acadêmicas. 2014. 87 p.

LACAZ, C. S.; PORTO, E.; MARTINS, J. E. C. Esporotricose e outras micoses gamosas. **Micologia médica**. São Paulo : Sarvier, p.233-247, 1991.

LARSSON, C.E.; GONÇALVES, M.A.; A RAUJO, V.C.; D AGLI, M.L.Z.; CORREA, B.; FAVA-NETO, C. Feline sporotrichosis clinical and zoonotic aspects. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v.31, n.5, p.351-358,1989.

MADRID, I. M.; XAVIER, M. O.; MATTEI, A. S.; CARAPETO, L. P.; ANTUNES, T. D. Á.; SANTOS JÚNIOR, R.; MEIRELES, M. C. A. Esporotricose óssea e cutânea em canino. **Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande**. 2007.

MONTENEGRO, H.; RODRIGUES, A. M.; DIAS, M. A. G.; DA SILVA, E. A.; BERNARDI, F.; & DE CAMARGO, Z. P. Feline sporotrichosis due to *Sporothrix brasiliensis*: an emerging animal infection in São Paulo, Brazil. **BMC veterinary research**, v. 10, n. 1, p. 269, 2014.

ROSSER, E.J.; DUNSTAN R. W. Sporotrichosis, In: GREENE, C.E. (Ed), **Infectious Diseases of the dog and cat**. Philadelphia: Elsevier, 3^a Ed., p.608-612, 2006.

ROSSI, C. N.; ODAGUIRI, J.; LARSSON C. E. Clinical and epidemiological characterization of sporotrichosis in dogs and cats (São Paulo, Brazil). **Ciências Agrárias**, v.34, n.6, p.3889-3896, 2013.

SCHUBACH, T.M.P; SCHUBACH, A.O. Esporotricose em gatos e cães – revisão. **Clínica Veterinária**. v. 5: p. 21-24, 2000.

SCHUBACH, T. M. P.; SCHUBACH, A.; OKAMOTO, T.; BARROS, M. B. L.; FIGUEIREDO, F. B.; CUZZI, T.; PEREIRA, S. A.; SANTOS, I.; PAES, R. A.; LEME, L. R.; WANKE, B. Canine sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil: clinical presentation, laboratory diagnosis and therapeutic response in 44 cases (1998–2003), **Medical Mycology**, v. 44, p. 87–92, 2006.

SCHUBACH, T. M. P.; MENEZES R. C.; WANKE, B. Sporotrichosis, In: GREENE, C. E. (Ed), **Infectious Diseases of the dog and cat**. St Louis: Elsevier, 4^a Ed., p.645-650, 2012.

TÉLLEZ, M. D. et al. *Sporothrix schenckii* complex biology: environment and fungal pathogenicity. **Microbiology**, v.160, p.2352-2365, 2014.

VÁSQUEZ-DEL-MERCADO, E.; ARENAS, R.; PADILLA-DESGARENES, C. Sporotrichosis. **Clinics in Dermatology** v.30, p.437-443, 2012.